

Em defesa da Petrobrás

O presidente da Aepet, deputado Ricardo Maranhão, pronunciou discurso na Câmara Federal, exaltando a trajetória modelar e patriótica da empresa e denunciando as continuadas iniciativas governamentais para desestabilizá-la em proveito das multinacionais

Nesses 46 anos de atuação da Petrobrás, saímos da condição de total dependência da importação de derivados a preços extorsivos, para a posição de país líder mundial na tecnologia de produção de petróleo, em águas profundas. A Petrobrás é atualmente a empresa mais requisitada pelas gigantes multinacionais do setor, para troca de informações sobre seus sucessos em pesquisa e desenvolvimento. Em menos de 30 anos, o Brasil passou de importador de combustíveis a exportador e líder em tecnologia de produção de petróleo. Esta liderança teve o reconhecimento da comunidade petrolífera internacional, que concedeu à empresa brasileira, em 1992, em Houston, Texas, USA, na OTC - Offshore Technology Conference, o mais importante prêmio da indústria petrolífera.

A sua subsidiária - a Petrobrás Distribuidora-BR sempre garantiu os combustíveis para as regiões mais longínquas do país, desprovidas de infra-estrutura e nas quais a rentabilidade nem sempre é satisfatória. Esta missão nunca poderá ser confiada a uma empresa privada. Somente uma iniciativa com visão social, estratégica, comprometida com o nosso desenvolvimento, pode desempenhar este importante papel.

É essa a empresa que o atual governo pensa em privatizar. Embora o discurso oficial desminta essa intenção, as ações de bastidores deixam claras as manobras para efetuar mais essa operação lesiva ao interesse nacional. Nem mesmo o compromisso formal, escrito, do Sr. Presidente da República, de que não privatizaria a Petrobrás, inibe a ação desses espertalhões que querem assaltar o patrimônio público.

Neste exato momento e há mais de 7 meses, seis empresas de consultoria, sendo quatro estrangeiras, vasculham dentro da Petrobrás, com acesso privilegiado, todos os seus dados estratégicos, com a finalidade de, a médio prazo, oferecer ao mercado segmentos de negócios da empresa. É muito provável que segredos empresariais da nossa maior companhia estejam sendo repassados para concorrentes, uma vez que estas consultoras têm notórias ligações comerciais com as maiores empresas de petróleo do mundo. Um escândalo, Sr. Presidente!

Evidentemente, a Petrobrás não será vendida em leilão. A tática empregada, orientada pelo Fundo Monetário Internacional-FMI e pelos implacáveis credores é a de desmembrar a empresa. Pretendem vendê-la em retalhos ou associá-la, minoritariamente, nos seus atuais negócios, a parceiros privados de ocasião, obviamente financiados com recursos públicos a taxas de juros subsidiadas, manipuladas pelo BNDES, o executor da nociva política de entrega do patrimônio nacional ao capital estrangeiro. Dezenas de parcerias, envolvendo centenas de milhões de dólares, estão sendo estudadas, algumas já celebradas com multinacionais, sem qualquer controle ou conhecimento do Congresso Nacional.

Bloqueio dos investimentos

Nos últimos 5 anos, o Governo, invariavelmente, obriga a empresa a reduzir seus investimentos, embora ela não necessite de um centavo do Tesouro para realizá-los. Esse torniquete impede o desenvolvimento dos seus projetos empresariais, mesmo dispondo de recursos próprios e de financiamentos do exterior.

É, também, um mecanismo insidioso para obrigar a Companhia a fazer parcerias desvantajosas com as multinacionais, cedendo jazidas descobertas com o esforço exclusivo dos brasileiros, após desenvolver sozinha a tecnologia necessária e realizar pesados investimentos. Projetos com altas taxas de retorno, geradores de empregos, com impacto positivo no balanço de pagamentos, que demandam materiais e equipamentos fabricados no país deixam de ser realizados. Esta asfixia financeira é feita a pretexto do combate ao déficit público, um conceito irresponsável, imposto pelo FMI, que só leva à recessão e ao desemprego, em uma empresa que, em 1998, pagou quase US\$ 5 bilhões em impostos.

O governo também enfraquece financeiramente a Petrobrás, aviltando a sua remuneração na venda dos derivados de petróleo. Tomemos, por exemplo, o caso da gasolina: o consumidor final paga hoje por um litro do combustível cerca de R\$ 1,00. Desse total, a Petrobrás fica com apenas R\$ 0,11/litro, ou seja, 11% do que paga o consumidor, para cobrir seus gastos com pesquisa, exploração, produção, transporte e refino de petróleo. As distribuidoras privadas, majoritariamente estrangeiras, apenas para retirar os combustíveis nas refinarias e entregar aos postos revendedores, recebem R\$ 0,18/litro, ou 18% do que paga o consumidor. Apesar do desestímulo à Petrobrás, ela continua rentável e a distribuir dividendos aos seus acionistas: mais de US\$ 400 milhões em 1998.

Trabalhadores humilhados

Outra ação do governo muito nefasta à Petrobrás é a política de pessoal imposta à empresa, impedindo a renovação dos seus quadros com a admissão de novos empregados. A Petrobrás contava, em 1990, com 60.000 trabalhadores. Hoje, seu contingente é de menos de 38.000 empregados. Boa parte de suas atividades foi terceirizada, substituindo-se uma relação de emprego duradoura, baseada na lealdade do empregado com a empresa, pelo trabalho precário, aviltado e de menor qualidade.

A terceirização desenfreada na Petrobrás tem os seus resultados destrutivos. O número de acidentes de trabalho, com mortes e danos à saúde, aumentou geometricamente. As perdas de produção e os danos ambientais passaram a ser rotina na empresa que até há pouco era considerada exemplo de preservação ecológica e de prevenção da poluição marinha.

A evidente má vontade do governo com a Petrobrás se traduz, ainda, na sua política em relação às negociações trabalhistas; desde setembro de 1998, os petroleiros esperam pacientemente que a Empresa responda à sua proposta para a assinatura do Acordo Coletivo. Temos percebido o descaso com que a direção da Companhia trata as reivindicações de seus trabalhadores, resultado claro da orientação da equipe econômica para aprofundar o arrocho salarial. A Petrobrás, não tendo autonomia para negociar, impõe aos trabalhadores retrocessos e humilhações.

Todo este quadro sombrio tem contribuído para a desmotivação dos empregados da Petrobrás. Enquanto um engenheiro de petróleo experiente, numa multinacional tem um salário mensal da ordem de US\$ 8 mil, um profissional do mesmo nível na Petrobrás recebe menos de US\$ 2,5 mil/mês. Esse achatamento salarial tem levado centenas de especialistas, os melhores do país e talvez do mundo, formados nas melhores escolas, muitos com diplomas de mestres e doutores, obtidos no Brasil e no exterior, a deixar a Companhia em busca de uma melhor e mais justa recompensa pelo seu trabalho. A tudo isso deve-se acrescentar o cancelamento das promoções e aumentos por mérito, previstos no Plano de Carreiras da Empresa, agravando, ainda mais, o quadro de desilusão dos empregados.

A ANP, tendenciosa e hostil

Não se passa uma semana sem que a Agência Nacional do Petróleo (ANP) publique uma nova portaria favorecendo as empresas estrangeiras em detrimento da Petrobrás. Até mesmo áreas nas quais a Empresa já havia investido em exploração e produção foram retiradas de nossa estatal, em flagrante desrespeito à lei e ao compromisso do presidente FHC, para serem licitadas. Uma recente portaria obriga a Petrobrás a investir na ampliação de sua rede de dutos para atender às exigências das empresas multinacionais. Esta portaria extrapola os limites da lei e é flagrantemente inconstitucional.

O presidente da ANP, David Zylbersztajn, não recebe os representantes do Corpo Técnico da Petrobrás, que lhe solicitaram audiência, por escrito, em pelo menos três oportunidades. Suas declarações, no sentido de que a Petrobrás deve devolver áreas que legalmente lhe pertencem, para entrega das mesmas às multinacionais são tendenciosas, intoleráveis e incompatíveis com a posição de um servidor público.

Assistimos às mais grosseiras intervenções do governo na Petrobrás, ao patrocinar uma mudança profunda nos Estatutos da Companhia nomeando, para os cargos no seu Conselho de Administração, figuras envolvidas em escândalos recentes, como é o caso do Sr. Pio Borges, atual presidente do BNDES. Ele é participante do chamado "Escândalo do Grampo", junto com o Sr. Luiz Carlos Mendonça de Barros, para o favorecimento de empresários na privatização das empresas do grupo Telebrás. Este Sr. Pio Borges está, segundo amplamente noticiado na imprensa, sendo denunciado por procuradores da República, como incurso em pelo menos 20 práticas que caracterizariam atos de improbidade administrativa. No passado esteve, também, envolvido na CPI das Privatizações, que recomendou a quebra de seu sigilo bancário. Este personagem move-se com desenvoltura, ora na iniciativa privada (Grupo Banco da Bahia/MARIANI) ora no Governo (BNDES), numa cumplicidade com interesses particulares que nada tem de moderno. Há, também, o caso da Sra. Maria Silvia Bastos Marques, igualmente nomeada para o Conselho, em substituição ao Sr. Benjamin Steinbruch, seu patrão na CSN, e cujo grupo tem negócios e grandes interesses na Petrobrás.

Poucas empresas suportariam tamanho cerco sem perder o rumo. A Petrobrás, apesar de tudo, sobreviveu. Sobreviveu e aumentou a produção nacional de óleo e gás em mais de 70% nos últimos anos. Nossas reservas já ultrapassam 17 bilhões de barris, maiores que as reservas da BP/Amoco/Arco. Entretanto, suas energias agora parecem minadas. O ataque tem sido mais forte do que nunca. Não é aceitável, para os países hegemônicos, que uma empresa localizada no 3º Mundo tenha tanto sucesso. Está em marcha um cuidadoso projeto para a sua desarticulação empresarial e transferência, aos pedaços, para o capital internacional e seus aliados internos. É imperioso mudar, imediatamente, esse modelo entreguista.

Tourinho quer retalhar

São profundamente preocupantes as declarações do Ministro Rodolpho Tourinho, no sentido de que a Petrobrás deve vender as refinarias, desfazer-se de poços no Nordeste e reduzir a participação de sua distribuidora no mercado de derivados de petróleo. Preocupantes e estranhas. Estranhas, porque não se entende que um liberal deseje reduzir a participação da BR por decreto, quando se sabe que os liberais idolatram o mercado. A liderança da BR, ela a conquistou competindo. Competindo em igualdade de condições com as multinacionais. A Distribuidora da Petrobrás, embora seja a caçula, a mais jovem, entre as grandes distribuidoras, é a líder. Ela lidera e somente ela está presente nas distantes regiões da Amazônia, do Nordeste, do Centro-Oeste, ciente e firme nos seus compromissos com o desenvolvimento brasileiro. Ao contrário, as multinacionais se concentram nas grandes cidades, onde o mercado é somente lucro.

O Ministro alega necessidade de competição. Ora, Sras. e Srs. Deputados, é justamente a BR que assegura a competição! A sua ausência é o fim da competição. É o domínio, absoluto, avassalador, do cartel das distribuidoras multinacionais. O Ministro Tourinho alega que a Petrobrás é grande demais. Lastimável declaração, Sr. Presidente! Como pode um brasileiro, um Ministro de Estado Brasileiro insurgir-se contra a grandeza de uma empresa brasileira? A grandeza da Petrobrás é a prova incontestável da capacidade realizadora do nosso povo! Como propor a diminuição do tamanho da Petrobrás quando se sabe que o porte e a integração - do poço ao posto - são condições essenciais à sua sobrevivência e ao sucesso de qualquer empresa de petróleo? Como defender o desmembramento da Petrobrás, justamente quando as grandes empresas de petróleo se fundem, para cada vez mais ganhar escala, como no caso Exxon-Mobil e BP/Amoco/Arco?

As declarações do Min. Tourinho e do Sr. David Zylberstajn, Diretor-Geral da ANP e genro do Presidente, tornam letra morta o compromisso do Senhor Fernando Henrique Cardoso de que a Petrobrás não seria privatizada, nem enfraquecida.



Associação dos Engenheiros da Petrobrás

Av. Nilo Peçanha, 50 - grupo 2409 - Centro - Rio de Janeiro - RJ - Cep: 20044-900

Tel: (021) 533-1110 - Fax: (021) 533-2134 - e-mail: aepet2@ax.apc.org

Editado pela Assessoria de Comunicação Social